

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

DANUBIA DOS SANTOS RAMOS - RA279698

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

ATENDIMENTO CLÍNICO PSICOPEDAGÓGICO À  
DISTÂNCIA NA ESCOLA

Especialização em Psicopedagogia

SÃO PAULO

2022

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

DANUBIA DOS SANTOS RAMOS- RA279698

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

ATENDIMENTO CLÍNICO PSICOPEDAGÓGICO À  
DISTÂNCIA NA ESCOLA

Especialização em Psicopedagogia

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de ESPECIALISTA em Psicopedagogia.

Orientação: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Eloisa Quadros Fagali

SÃO PAULO

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação Sistema de Bibliotecas e Informação  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Ramos, Danubia dos Santos

Relato de Experiência: Atendimento Clínico Psicopedagógico à Distância  
na Escola

Danubia dos Santos Ramos – São Paulo, 2022.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eloisa Quadros Fagali

Trabalho de Monografia – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP,  
apresentado à Faculdade de Educação, curso de Psicopedagogia, como exigência  
parcial para obtenção do diploma de Especialista em Psicopedagogia, 2022.

Área de concentração: psicopedagogia, educação, atendimento remoto

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente à Deus pela minha vida e experiências vividas, boas ou más, foram importante para a construção do ser que hoje sou.

Sou muito grata pela cliente que atendi, pois com ela pude vivenciar o atendimento psicopedagógico clínico escolar e aprendi muito com suas dificuldades e seus potenciais.

Agradeço também a minha orientadora, Dr. Eloisa, pelas trocas que tivemos, pois quando minha mente estava agitada com muitas ideias, informações e ansiedades, foi a sua experiência que ajudou a organizar minhas ideias e ver com mais clareza o caminho para conseguir chegar ao meu objetivo. Sei que dei trabalho e sou grata pelos “toques” e por estar ao meu lado nessa jornada, tanto como minha professora, supervisora de estágio e orientadora dessa monografia.

Agradeço aos mestres e doutores, pois sem os conhecimentos compartilhados, não seria possível ter chego até aqui. Foram aulas maravilhosas e ricas em humanidade e profissionalismo.

Sou muito grata pelos meus colegas de curso, pois a todo momento, sempre mantivemos um canal aberto para conversar sobre as aulas, apoiar um ao outro, principalmente quando pensamos em desistir. A experiência de cada um enriqueceu o aprendizado coletivo e auxiliou chegar nesse momento tão esperado, em principal a minha parceira Ana Krauser, por cada troca e cada planejamento realizado.

Também gostaria de agradecer a paciência da minha família, pois não consegui ser tão presente em suas vidas, principalmente nos últimos meses.

Finalmente agradeço ao meu companheiro, que acreditou em mim quando eu estava perdendo a fé de que era possível continuar a formação e trabalhar ao mesmo tempo e realizar os atendimentos durante a pandemia. Se cheguei até o final, foi porque ele me apoiou e fez de tudo para diminuir a pressão de ter que dar conta de tudo. Muito obrigada, meu amor.

## RESUMO

O atendimento psicopedagógico teve que ser adaptado para o atendimento de forma remota, pois enfrentamos uma pandemia que causou o isolamento social. As dificuldades enfrentadas e as conquistas realizadas nessa nova forma de atendimento gerou uma experiência marcante, e abriu novas oportunidades a serem aproveitadas na área. Nem toda tarefa é fácil, mas nem todo desafio é impossível de realizar. Esse trabalho com base nos atendimentos durante um período muito difícil para a humanidade trouxe muito conhecimento e novas formas de aprimorar o trabalho.

A experiência única de ver a evolução de outro ser em formação, conseguindo romper as barreiras que o deixa distante do conhecimento é muito gratificante. Nas próximas páginas encontrarão alguns atendimentos realizados, como foi adaptado para esse novo contexto e como foi poder sentir toda essa emoção, mesmo que longe ao toque.

**Palavras-chave:** psicopedagogia, educação, atendimento remoto, narrativa.

## ABSTRACT

The psychopedagogy had to be adapted for remote service, as we face a global pandemic that takes caused social distancing. The new difficulties faced and the achievements made in this new way of service opened up a remarkable experience, and new opportunities were taken in the area. Not every task is easy, but not every challenge is impossible to be accomplished. This work based on care during a very difficult period for humanity has brought a lot of knowledge and new ways of improving the work.

The unique experience of seeing evolution being in formation, breaking the barriers that the distant of knowledge is very rewarding. On the next pages you will find some of the services performed, how it was adapted to this new context and what it was like to be able to feel all this emotion, even if far away from the touch.

**Keywords:** psychopedagogy, education, remote service, narrative.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. PSICOPEDAGOGIA E SUA IMPORTÂNCIA.....	11
O poder da narrativa.....	13
2. RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	15
Passagem de vínculo.....	16
Construindo laços: o vínculo.....	18
O reino dos números.....	24
Brincando com lego.....	27
Material dourado como aliado.....	28
Cara a cara.....	29
Família gorgonzola.....	30
A escola nos atendimentos.....	31
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
BIBLIOGRAFIA.....	39

## INTRODUÇÃO

*“A procura da vida no universo começa com uma pergunta profunda: o que é vida? [...] Algumas ou todas as criaturas vivas crescem, movem-se ou deterioram-se, mas isso também acontece com objetos que nunca chamaríamos de vivos [...] é possível reconhecer algumas forma de vida quando a vemos- quem deixaria de ver vida no salmão ou numa águia? [...] a vida consiste em conjuntos de objetos que podem se reproduzir e evoluir.”*

(Neil deGrasse Tyson, 2015, p. 245)

Algumas coisas são necessárias para nós: a vida, a troca de experiência com o outro, a liberdade de ir e vir, mas tivemos que nos isolar do que nos faz bem: estarmos juntos. Em 26 fevereiro de 2020 era registrado o primeiro caso confirmado de contaminação humana pelo vírus da COVID-19 no Brasil. Esse vírus, ainda desconhecido, era considerado uma sentença de morte, pois pouco se conhecia sobre seus efeitos no corpo humano e não havia um remédio para combatê-lo, muito menos uma cura. Acompanhamos pela televisão, com muita tristeza e angústia, pessoas falecendo sem poder ver nenhum rosto conhecido, apenas muito material de proteção, e do outro lado, a família em profunda dor por não poder estar ao lado de seus entes amados e nem poderem se despedir ou até mesmo enterrar seus mortos.

Como é um vírus altamente transmissivo pelo ar, logo saiu de controle quando chegou em nosso país, assim como em outros lugares do mundo, e a única coisa que poderíamos fazer para conter seu avanço, era ficar isolado de outros seres humanos, para que os cientistas pudessem estudar o vírus e conseguisse produzir algum remédio ou vacina que pudesse conter a taxa de mortalidade. Em 13 de março de 2020, o Ministério da Saúde regulamentou os critérios de isolamento social e quarentena, que foram implementados pelos governantes cerca de uma semana depois.

As escolas ficaram sem vida, as ruas vazias, o medo de ser contagiado e falecer quase enlouqueceu muitas pessoas. Se nós, adultos formados sofremos tanto com esse isolamento da sociedade, imagine as crianças! As vidas de todos mudou drasticamente com a implementação da quarentena.

As adaptações ao mundo digital para dar continuidade a vida profissional tiveram que acontecer muito rapidamente. Cursos, como o da própria psicopedagogia teve que se reinventar, inicialmente, com os alunos testando alternativas de plataformas para

que as aulas pudessem acontecer, enquanto não havia uma plataforma específica que a instituição adotasse como definitiva para que todos os envolvidos tivessem acesso de forma um pouco mais padronizada e prática.

Os mais adaptados as diferentes tecnologias auxiliaram as pessoas que tinham mais dificuldades. O grupo pequeno que iniciou o curso de especialização em Psicopedagogia no início de 2020, acabou ficando mais unido nesse processo, e segundo relato dos professores universitários, o mesmo aconteceu com grupos de outros cursos.

A responsabilidade ficou ainda maior, os estudantes que eram professores do ensino fundamental I estavam com a carga de trabalho mais pesada e o isolamento social foi difícil, pois não havia com quem se dividisse as angústias, troca de ideias, apenas ansiedade por não conseguir entrar em contato com todas as famílias afim de continuar o trabalho, que antes era na escola, em casa.

As adaptações exigiu muito mais compromisso com os estudos e com a gestão de tempo, pois a casa, que antes era sinônimo de lar e lugar de descanso, se tornou o local de trabalho e de estudo, o que foi extremamente desafiador, pois as consequências de tanto tempo em frente a telas de laptops, tablets e celulares causaram muitas dores de cabeça, problemas na visão, dores no corpo, dificuldade para ter uma boa noite de sono, mudanças no humor, impaciência e irritabilidade, descontrole alimentar, ansiedade entre outros. Esses foram alguns sintomas relatados pelos estudantes da turma de psicopedagogia de 2020 da PUC-SP.

Conversar sobre os teóricos, realizando “links” com a atualidade também foi difícil, a troca parecia mais prazerosa com a presença física na universidade, pois muitos integrantes do curso se sentem mais à vontade pessoalmente, estando na presença real e não na presença virtual, onde não há o olhar, a expressão viva, os gestos do outro. Além de que os provedores de internet não estavam preparados para uma crescente de usuários de seus serviços em um curto espaço de tempo, ele também precisaram crescer e melhorar o fornecimento e a qualidade da internet para que os trabalhos da população pudessem acontecer em suas respectivas moradias. Com essa baixa qualidade de internet, a conexão com as aulas eram um desafio à parte, pois havia muita instabilidade da internet, o que acabava derrubando a conexão com a plataforma que estava sendo utilizada para as aulas. Cada apresentação de trabalho era motivo para gerar mais ansiedade do que de costume, pois não havia garantias que a conexão com a internet ficaria estável e nem que os slides

preparados conseguiriam ser compartilhados com o grupo, algo que foi muito frustrante durante o curso.

Embora muitas coisas tenham mudado, a que mais vantajosa foi o tempo ganho. Com as aulas e o trabalho online, o tempo de locomoção de um lugar para o outro deixou de existir, dando a chance de aproveitar esse tempo de uma forma mais produtiva, seja estudando mais, trabalhando mais ou preparando uma refeição melhor e comendo com mais calma.

Ao relembrar de tudo isso, remeti a cruel realidade de que muitas crianças pudessem ter perdido algum familiar próximo, e até o pai e mãe para essa doença. Essas crianças, jovens e adultos precisarão de toda a humanidade que temos e de ajuda (profissional, familiar, e da sociedade como um todo) para seguir em frente.

O presente trabalho vem apresentar algumas vivências, pensamentos e questões que fizeram parte do processo evolutivo, em todos os âmbitos da minha vida, em meio a uma pandemia, com foco no atendimento realizado durante o período de estágio. Como metodologia de pesquisa, foi adotado o método de narrativa, que é método de pesquisa e ao mesmo tempo o fenômeno pesquisado. Gilberto Safra, D. Jean Clandinin e F. Michael Connelly são alguns dos teóricos que falam do método e narrativa.

Meu objetivo é realizar um relato de experiência do atendimento psicopedagógico realizado dentro instituição escolar, via Google Meet. Portanto, este estudo será bibliográfico e relacional, procurando refletir sobre minhas práticas e experiências como psicopedagoga em formação.

## 1. PSICOPEDAGOGIA E SUA IMPORTÂNCIA

Desde que nascemos, estamos em processo de aprendizagem constante. Aprendemos a sugar o leite materno, mastigar e engolir alimentos, a nos equilibrar para andar e a nós comunicar por palavras e não mais por sons sem sentido e choros. Quando chegar a fase da educação formal, ou seja, ir para a escola, adquirimos diversos conhecimentos e continuamos a aprender até a hora de nossa morte. O modo como assimilamos e acomodamos (Piaget), ou seja, como construímos conhecimento, independente da fase da vida, é o principal estudo da Psicopedagogia.

“o objeto central de estudo da Psicopedagogia está se estruturando em torno do *processo de aprendizagem humana*: seus padrões evolutivos normais e patológicos- bem como a influência do meio (família, escola, sociedade) no seu desenvolvimento”  
(BOSSA apud KIGUEL, 1991, p.24)

Segundo BOSSA, 2000, p.17: “[...]a Psicopedagogia, que nasceu da necessidade de uma melhor compreensão do processo de aprendizagem, não se basta como aplicação da Psicologia à Pedagogia.”, pois esta ciência alia conhecimentos de diversas áreas, como Psicologia, Neurologia, Psicolinguística, Antropologia e Pedagogia, tudo para entender como os indivíduos conseguem transformar as informações em conhecimento.

“[...]não nos resta outra alternativa senão abandonarmos a ideia de tratar a Psicopedagogia apenas como aplicação da Psicologia à Pedagogia, pois ainda que tratasse de recorrer apenas a estas duas disciplinas (o que não creio) na solução da problemática que lhe deu origem- os problemas de aprendizagem- não seria uma mera aplicação de uma a outra, mas sim na constituição de uma nova área que, recorrendo aos conhecimentos dessas duas, pensa o seu objeto de estudo a partir de um corpo teórico próprio, ou melhor, que busca se constituir.”  
(Nadia Bossa, 2000, p. 17)

E para SOBRINHO, doutora em Humanidades, Culturas e Artes:

“Essa ciência nos permite conhecer a situação do processo de aprendizagem dos sujeito com a intenção de melhorar e atuar sobre ele, para fazer o aluno aprender efetivamente. Ela pode agir na vida do aluno, intervindo no seu processo de estudo e aprendizagem ou na vida do docente e dos recursos externos, incorporando

conhecimentos e técnicas para a melhoria da aprendizagem do aluno.”  
(Sobrinho, 2016, p.10)

Existem muitos pontos de vista sobre o objeto de estudo da Psicopedagogia que aparecem citados por Bossa, e todos eles vão amadurecendo e se complementando.

“O foco de atenção do psicopedagogo é a reação da criança diante da tarefa, considerando resistência, bloqueios, lapsos, hesitações, repetições, sentimentos e angústias frente a certas situações. Além de outros procedimentos, o psicopedagogo faz as intervenções, que visam permitir à criança entrar em contato com o sentido inconsciente das suas dificuldades.”  
(Bossa, 2000, p. 27)

O Psicopedagogo que for trabalhar na instituição escolar, precisa conhecer quais as dificuldades apontadas dentro desse ambiente, como está o desempenho da criança no seu aprendizado, como ela se comporta perante o grupo, basicamente, como a escola vê essa criança, assim como também é importante conhecer sua família e sua história de vida, a fim de “captar” detalhes que possam estar influenciando direta ou indiretamente, na sua aprendizagem e no seu comportamento.

“O psicopedagogo é um profissional que trabalha no âmbito da prevenção, do diagnóstico e do tratamento de dificuldades de aprendizagem escolar e de aprendizagem, em um sentido mais amplo. Ele se dedica à análise, ao planejamento, ao desenvolvimento e à adequação dos processos educativos. Possui sólidos conhecimentos e investiga acerca de fatores que interferem nos processos de ensino e aprendizagem, tanto do ponto de vista do sujeito que aprende (determinantes neurológicos, intelectuais, afetivos) como dos contextos nos quais ele está inserido (socioculturais e educativos).”  
(Sobrinho, 2016, p.10)

É um trabalho de aprendizagem e escuta do cliente-aprendiz, em que precisamos ouvir todos os lados, mas não podemos nos limitar apenas nas palavras ditas. É necessário estar atento ao que o corpo fala, por modo de expressões, olhares e gestos. Estes diferentes olhares podem nos dar pistas do que pode estar acontecendo.

## O PODER DA NARRATIVA

O método que escolhi para apresentar as experiências e percepções sobre a criança durante o processo psicopedagógico de estágio foi a narrativa. Muitos autores filósofos, pedagogos, psicólogos ressaltam o valor das narrativas para compreender as relações humanas em diferentes contextos existenciais e de aprendizagem. Contar história ajuda na comunicação intersubjetivas das pessoas e na própria compreensão de um processo vivido e compreendido, integrando pensamentos e sentimentos humanos.

As histórias sempre fascinaram a espécie humana. Claro que para cada fase do desenvolvimento temos preferências diferentes. Quando criança, é preferível histórias mais romantizadas e cheias de imaginação fantasiosa, como contos de fadas por exemplo. Ao longo do amadurecimento, o gosto pela história muda também, passamos a ler histórias fictícias e/ou baseadas em fatos reais, nos interessamos pela história de vida de outras pessoas, assistimos histórias pela televisão (como novela) e nas telas de cinema, e também a ouvimos pelas ondas dos rádios ou pelas plataformas de músicas de nossos dispositivos eletrônicos e estudamos as histórias dos que vieram antes de nós, no planeta Terra.

O fato é que sempre estamos interessados em ler, ver e ouvir histórias. Mas para as histórias serem ouvidas, alguém precisa contá-las, ou seja, narra-las. Talliandre Matos, que é professora de redação, pode nos auxiliar a compreender o que é uma narração: “*A narração é um tipo textual que se dedica a relatar uma história, fictícia ou não, apresentando os personagens como protagonistas dos fatos, narrados em tempos e espaços específicos.*”, e essa não é uma tarefa fácil, envolve, dentre outras habilidades, memória, concentração, noção de tempo, verbalização, entonação de voz.

Safra (2005) valoriza a narrativa:

[..] minha atenção voltou-se para as histórias infantis como modo de comunicação adequado ao momento do processo maturacional, no qual a criança se encontra. O conto é uma forma de expressão mais próxima daquela que naturalmente é utilizada pela criança na organização, na elaboração e superação de seus conflitos psíquicos.

[..] Considero as diversas formas de jogo da criança, assim como as histórias, não só como um modo de encontrar expressão para desejos inconscientes, mas fundamentalmente como um modo de colocar seus conflitos subordinados à sua criatividade, ou seja, sob o domínio do Eu. (Safra 2005, p.88)

E ao pensar no caso que atendemos, deparei com o meu lado imaginativo. Um lugar aberto para expressar os sentimentos se uma forma que não machuque e nem exponha abertamente os sentimentos e pensamentos, mas que se estiver atento, poderá perceber os medos, angústias e potenciais existentes.

Ao longo da minha infância, pude ouvir e aprender com muitas histórias pelos programas infantis, especialmente os da TV Cultura. Em um deles, o RATIMBUM, tinha uma parte específica para ouvirmos histórias, e elas eram fascinantes e curtinhas, prendiam totalmente a minha atenção, adorava aquele momento. Inspirado naquele programa dedicado a estimular o desenvolvimento infantil, a história maluca veio nos ajudar a nos aproximar mais da criança, com o objetivo de deixá-la mais à vontade perto de nós e nos permitir visualizar um pouco de suas potencialidades.

Considerando a narrativa ressaltada por Safra, como sendo uma condição necessária de uma pessoa entrar em contato com o outro e buscar a expressão do vivido e a escuta do próximo, apresento uma narrativa no formato de “relato de experiência” vivida no processo psicopedagógico clínico, em que a criança foi também protagonista, junto comigo desta narrativa apresentada .

## 2. RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

*“Todos temos necessidade de hospitalidade, de reconhecimento de si, de sermos apresentados por um Outro a diferentes aspectos da realidade ainda desconhecidos para nós”*

(SAFRA 2005. P. 31).

A supervisão de estágio institucional aconteceu no ano de 2021, tendo como supervisora a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eloisa Quadros Fagali, e nossos encontros com a supervisora e os demais colegas, a fim de socializar as experiências vividas com as crianças que estão recebendo o atendimento psicopedagógico.

Na PUC-SP, os estagiários que optam pelo atendimento institucional trabalham em dupla, cada um é responsável pelo acompanhamento de uma criança, entretanto, todos os atendimentos são realizados pela dupla, de forma que se apoiem e colaborem, cada um com seu olhar, a auxiliar essa criança. A parceria com a Ana Krauser foi muito produtiva e o companheirismo foi nossa palavra-chave.

A primeira criança que atendemos, da qual eu fiquei com a responsabilidade maior, era continuação de atendimento realizado por duas colegas da turma anterior, da qual estavam passando o caso para nós porque estavam concluindo o curso. As apresentações entre os antigos e os novos estagiários aconteceu em uma aula dedicada exclusivamente a orientação dos nossos atendimentos com as crianças da escola parceira da PUC-SP.

Atendemos dois casos, mas relatarei apenas o caso de Clara<sup>1</sup>, que iria continuar o trabalho psicopedagógico iniciado pelas nossas colegas e que completaríamos o trabalho com devolutiva para a família e para a escola, apesar de apresentar conquistas no trabalho psicopedagógico anterior, era necessário ainda superar algumas dificuldades de aprendizagem, apresentando suas conquistas e poder de sua autoria que estava adormecida.

Clara começou o atendimento em 2020, com 8 anos de idade e apresentava dificuldade em relação do raciocínio lógico-matemático, um ritmo mais lento e insegurança quanto a realização autônoma de algumas atividades e dificuldade em manter

---

<sup>1</sup> Nome fictício a fim de proteger a identidade da criança.

a atenção em suas atividades, entretanto, se mostrava muito comunicativa, criativa e doce. Cabe deixar registrado o excelente trabalho realizado pela dupla anterior, que fortaleceu a sua autoconfiança para que pudesse não ter tanto medo de errar.

## **PASSAGEM DE VÍNCULO**

Quando uma criança precisa de ter continuidade em seu atendimento psicopedagógico clínico, há todo um cuidado para passar a continuação do trabalho que foi realizado, pontuando as conquistas e as dificuldades dela.

Em aula, juntamente com a supervisora, e as estagiárias anteriores, apresentaram o caso de Clara, assim como as atividades que realizaram com ela, o que foi uma experiência muito válida. Foi criado um grupo no WhatsApp para a passagem de vínculo, onde pudemos conversar sobre como iria acontecer a nossa apresentação a Clara.

Ficou combinado que as psicopedagogas que iriam fazer a passagem de vínculo começassem a dinâmica de apresentação e gradativamente seríamos incluídas na dinâmica. A intenção psicopedagógica era desenvolver um processo de inclusão dos novos profissionais de forma gradativa, necessária a todo processo de inclusão, numa dinâmica de grupo, estabelecendo-se assim as primeiras relações vinculares de Clara com as novas psicopedagogas, que iriam continuar o trabalho clínico psicopedagógico.

Conforme já ressaltado no parágrafo anterior, ao entrarmos na sala aberta pela plataforma Google Meet, fomos apresentadas para a Clara. A recepção foi, um tanto tímida, o que era esperado, mas Clara aceitou realizar a brincadeira juntamente conosco, conforme foi proposto pelas colegas estagiárias.

A atividade escolhida foi o “bingo das letras”. Para iniciarmos essa brincadeira, começamos a falar sobre as qualidades de Clara, que era curiosa, esperta, dedicada, gentil. A cliente já revelou uma autoimagem positiva, quando ela mesmo expressou algumas de suas qualidades e com um belo sorriso tímido no rosto. Cada uma deveria escolher uma das qualidades listadas e escrever no papel, com letras grandes (representando a cartela do bingo). Uma das colegas, que conduzia a dinâmica lúdica, iria sortear as letras e quem as tivesse, teria que circulá-las, até fazer o bingo. Uma das coisas que me chamou muito a atenção é que ela não ficou chateada ou irritada, quando não era a primeira pessoa a completar a cartela, ao menos conosco, na brincadeira com adultos, apesar de ficarmos no lugar de companheiras nesta atividade lúdica, Clara se mostrava envolvida com o prazer da brincadeira, do que na disputa em relação a perdas ou ganhos. O mais

interessante é que ela prefere que todos consigam circular todas as letras, mesmo que tecnicamente a brincadeira acabe quando alguém fala bingo primeiro.

Já no segundo e último encontro da passagem de vínculo das estagiárias anteriores para prosseguir nossas intervenções psicopedagógicas com a cliente, combinamos que nós iríamos estar desde o início do atendimento, e que nossas colegas iriam se despedir, logo após o jogo que iríamos conduzir.

Como a dificuldade apresentada focalizava mais assimilações e acomodações dos conceitos associados ao pensamento matemático, propusemos um jogo de trilha, que necessitava do raciocínio lógico e as habilidades de contar. As casas do tabuleiro foram enumeradas e as personagens escolhidas, conforme as características de cada uma, tudo colado no Word. Pelo fato de não ter um dado físico, utilizamos um dado on-line que pode ser acessado por qualquer dispositivo eletrônico com um link<sup>2</sup>, clicando no “jogar dados” e mostrando na câmera a tela do celular com o resultado do dado, eu movia as personagens conforme o jogo iria avançando, sempre perguntando qual era a casa que aquela personagem iria parar, quantas casas a “Fulana” precisaria andar para alcançar a “Beltrana”, e a Clara ia respondendo, oras contando na tela, ora nos dedos. Ela precisou utilizar esses recursos, o que é bom, pois conseguia encontrar as respostas, mesmo precisando do apoio concreto da contagem nos dedos. Após esse jogo, as estagiárias se despediram e saíram da sala. A menina se mostrou muito forte, mesmo sendo nítido que ela estava muito triste com a despedida. Mesmo com sua tristeza, ela ainda brincou um pouco conosco de adivinhas, foi nosso primeiro momento a sós com ela. Assim finalizou-se a passagem de vínculo com uma qualidade simbólica muito boa sobre a passagem de um ciclo de aprendizagem e prosseguimos nosso trabalho apenas com a Clara

Esses encontros iniciais foram muito importantes, pois há alguma possibilidade de rejeição da nova dupla, o que não foi o caso, já que ela não apresentou nenhuma barreira que impedisse de nos conectarmos a ela. Percebemos, com o prosseguimento do trabalho psicopedagógico, que Clara não apresentou nenhuma resistência com a troca de psicopedagogas.

As primeiras impressões sobre Clara foi que ela apreendia de forma mais lúdica, onde a imaginação era uma aliada poderosa. Durante os primeiros processos de aprendizagem, conseguimos identificar como trabalhar com ela, utilizando o imaginário

---

<sup>2</sup> Link utilizado: <https://pt.piliapp.com/random/dice/>

e valorizando as criações dela. Ela revelava ser de um estilo cognitivo socioafetivo intuitivo, encorajando estas capacidades dela para se sentir mais segura e exercitava sua capacidade de arriscar e tomar iniciativas com mais autoconfiança.

Observando os estilos cognitivo-afetivos (Fagali, 2010), é possível entender que cada indivíduo, conforme seu estilo predominante, se sentirá mais “atraído” por uma atividade específica, pois suas capacidades cognitivas, reações e defesas psíquicas e afetivas facilitarão ou dificultarão o desenvolvimento de uma aprendizagem e são elas: estilo cognitivo afetivo intuitivo, afetivo subjetivo, sensório perceptivo e afetivo mental.

Estilo mais dominante de Clara é cognitivo afetivo intuitivo, pois tem mais abertura para as brincadeiras que utilizam a imaginação, o faz de conta.

Durante os atendimentos psicopedagógicos, Clara se mostrava muito solidária e revelava uma compreensão maior sobre os sentimentos de frustração que está implícito nas perdas, durante os jogos. Entendia que nem sempre se pode ganhar em um jogo, demonstrando satisfação na ludicidade da tarefa, e revelando estar feliz por quem chegava em primeiro lugar ou depois.

Percebíamos que ela se revelava muito dócil, amável, mas que estava sofrendo com o isolamento social, neste momento da pandemia. Por ser filha única, não havia no núcleo familiar outra criança para contato e para viver as experiências de socialização com irmãos. Segundo o que revelava, estes momentos do atendimento psicopedagógico lá no espaço de sua casa, pareciam ser mais leves e com muita motivação nestas trocas, com escutas e mobilizações lúdicas e criativas. No atendimento psicopedagógico aconteciam as compensações de socializar, ser ouvida e ter direito a fala criativa.

## **CONSTRUINDO LAÇOS: O VÍNCULO**

O vínculo não é dado a ninguém, ele é conquistado na base da confiança. Como Clara foi descrita como uma criança muito criativa, a atividade proposta foi a “contação de história inventada”, a partir de uma história conhecida, utilizando material concreto para representar os personagens que apareceriam na história.

O objetivo é que ela pudesse se divertir e que fosse garantido o vínculo de confiança entre ela e nós psicopedagogo, sem deixar de lado o desenvolvimento dos conceitos necessários nas intervenções psicopedagógicas, integrando afeto e cognição, a

dinâmica lúdica e a execução da tarefa, mantendo a nossa postura e olhar psicopedagógico.

Em relação ao trabalho com contos, a história escolhida foi “**os três porquinhos sapecas**”. Criei este conto, como Gilberto Safra sinaliza as narrativas inspirados no próprio cliente. Esta criação foi gerada pela minha percepção de que as crianças sempre viram o lobo como o malvado da história porque ela é contada a favor dos três porquinhos, portanto elas revelavam que tinham dificuldades para entender que toda história tem mais de uma versão, dependendo de quem conta e dos motivos razões e os sentimentos das personagens, sejam lobos, sejam porquinhos. O que a criança poderia perceber e sentir, segundo a versão do lobo e dos porquinhos?

A comanda para desenvolver essa atividade mediada pelo conto é a seguinte: sempre que escutar o som da sirene, você para de contar a história e a próxima pessoa precisa mudar a última parte da história que ouviu e continuar contando.

Nessa sessão, tivemos o privilégio de observar como Clara, inicialmente, teve dificuldade para “sair dos padrões” de uma história conhecida, o que parece comum a todos que já conhece uma história muita repetidamente. Portanto, no início ela não se permitia criar, provavelmente ainda com receio de ser repreendida por utilizar a imaginação livre, sem direcionamentos impostos. Para ela também foi um pouco difícil conceber que o lobo poderia ser o “bonzinho” da história. Fato que se associa aos símbolos de personagens que polarização o bem e o mau, tendências de um conhecimento segundo paradigma da separação entre o bem e o mau, da cultura, e que também aparece no primeiro desenvolvimento simbólicos das crianças que divide o que é bom e o que é mau, de forma absoluta, segundo enfoque do desenvolvimento da moral da criança (Piaget) e dos pensamentos psicanalítico e analítico.

Clara precisou de um incentivo para se permitir usar sua imaginação sem recriminação alguma, pois pudemos perceber que ela estava tentando resgatar a história da forma como aparece nos livros.

- A história começou com um lobo tímido e estudioso, que morava na casa de seus pais. Um dia o lobo chamou seus pais e disse que já estava na hora dele sair de casa para ter sua própria casa e seus pais, embora tristes porque o filho não iria mais morar com eles, o apoiaram. No outro lado do bosque, havia uma casa com 3 porquinhos adultos, e muitos porquinhos filhotes, morando na casa do senhor e senhora Porco. Os 3 porquinhos eram bagunceiros, não trabalhavam e sempre comiam a comida dos irmãos

mais novos. Um dia o senhor e a senhora Porco puseram um fim na boa vida dos três filhos mais velhos e mandaram eles procurarem um lugar só para eles.

Quando chegou a vez de Clara, ela contou que os três porquinhos vagaram pela floresta e procuraram material para construírem suas casinhas. O primeiro porquinho era muito preguiçoso e não queria ter nenhum trabalho para construir sua casa, então pegou alguns galhos que estavam no chão e começou a construir sua casinha. Clara começou a resgatar a história da forma que conhecia dos livros, por isso a buzina foi tocada para que pudéssemos mostrar a ela que podia criar a história que quisesse.

Em continuação, após os três porquinhos decidirem que não iriam trabalhar, porque é chato e cansativo, eles iriam brincar todos os dias. Já o lobo, começou a trabalhar em um cruzeiro que passava por dentro da floresta, dando chance dos animais embarcarem. A partir desse ponto, Clara entendeu que não precisava se agarrar a uma história conhecida e que podia contar da forma que ela queria, acrescentando outros elementos, assim como o navio, que não aparecem na história original.

A história a envolveu de uma tal forma que ela quase não piscava, olhando os blocos lógicos (que representavam os personagens) ganharem vida na tela enquanto a história desenrolava.

Durante toda a trajetória do conto, Clara manteve atenção sustentada e sua memória e imaginação bem ativa, tanto que se uma de nós demorasse para conseguir dar continuação, por estar pensando, ela se prontificava informando que já tinha imaginado duas versões que poderia usar naquela parte.

Ao deixamos livre para narrar como quisesse, Clara estava muito atenta ao que estava acontecendo, mas também mantinha sua atenção em relação ao tempo de duração, ( horário ), tanto que ela finalizou a história para dar tempo de realizarmos o fechamento dessa atividade, recontando a parte preferida, em forma de desenho.

Além de ser muito criativa, Clara conseguiu contar uma história com início, meio e fim, e expressar o conto através do desenho. Em relação às suas atitudes e motivação, ela respeitou nossa vez de falar e ainda saiu empolgada, pois disse que a próxima história seria ela quem iria trazer e que daria vida com os blocos lógicos que possuía em casa. Supomos que ela já sabia qual era a história que iria trazer, ao nos dá algumas pistas, quando revelou que era um livro que sua mãe lia para ela quando era mais nova e que hoje ela conseguia ler sozinha. Falou que tinha um animal com a letra P no título. Após uma tentativa de nossa parte em descobrir, nos disse que o animal era um pato. Nesse

momento, ela já demonstrava a sua capacidade de criar, assumindo seu poder de autoria, pois já se sentia confiante para ela mesma trazer o seu próprio conto, apesar de se referir aos ensinamentos da mãe. Estes diálogos e criações de Clara nos sinalizavam que estávamos no caminho certo e que já estava forte o vínculo dela conosco e anunciava o desenvolvimento de sua autoconfiança e autonomia.

Assim que nosso próximo encontro começou, ela já foi nos perguntando se aquele dia era o que planejamos para história que ela iria nos trazer. Afirmamos que sim e ela já foi nos avisando que já tinha preparado tudo, nos mostrando a caixa com blocos lógico e formas geométricas, o livro e o espaço que deixou arrumado na mesa. Elogiamos por estar preparada para tudo, e notamos a organização, motivação, iniciativa, criatividade e trocas afetivas positivas entre ela e nós psicopedagogos. Estava realmente o envolvimento dela conosco e a dinâmica interativa afetiva do seu processo de aprendizagem.

Um fato interessante que ocorreu nesta sessão foi que o pai dela teve que entrar no quarto onde ela estava para pegar algo. Ela então nos pediu um minuto e o pai perguntou o que ela estava fazendo com todas aquelas coisas. Ela então respondeu, informando que estava falando com as amigas dela e pediu para ele sair, e depois se desculpou conosco. Sendo sincera, não pensei que o vínculo com ela seria conquistado tão rapidamente. O mais surpreendente é que ela já mostrava iniciativa e uma posição muito autônoma diante da interferência do pai.

Em meio a sorrisos animados, ela pegou o livro que se chama O PATO ATOLADO. Afirmamos que não conhecíamos a história e gentilmente ela disse que iria começar a nossa história da forma original, mas que podíamos mudar quando fosse nossa vez. Aceitamos a proposta dela e nos concentramos na atividade conduzida por ela. Então, Clara nos mostrou as peças que seriam os personagens, já nos dizendo o nome deles (pato, sapo, ovelha e carneiro). Perguntei qual o objeto iria ser o carro, já que era o carro do pato que ficaria atolado. Com fisionomia de espanto, me disse que esqueceu disso, mas que tinha um carrinho bem bonitinho da boneca Polly, que serviria muito bem para a nossa história. Enquanto isso, minha parceira ficou com a buzina que era o sinal sonoro que indicaria a mudança de contador da história.

Logo pós estes enquadres para iniciar a história, Clara pegou o livro para começar a contar a história e leu uma boa parte do conto. Observamos que ela não conseguia contar com as próprias palavras uma história já conhecida, recorrendo a leitura

da mesma. A buzina foi tocada e passou a vez para mim, logo comecei a alterar o rumo da história para torná-la bem diferente da original, incentivando-as a poder mudar o roteiro e não ficar fixada no modelo. Nesse momento ela começou a dar vida aos objetos, conforme a história sofria suas modificações, e foi interessante constatar como ela estava atenta ao que falávamos e interessada em mostrar a os “personagens” da história. Estava atenta ao microfone da minha parceira, que teve que fechar por um momento<sup>3</sup> enquanto eu contava a história, o que não passou despercebido por ela, que pediu um minuto para mim e avisou que se a minha parceira tocasse a buzina, ela não conseguiria ouvir porque o microfone não estava aberto. Notamos portanto sua preocupação com cada detalhe, ao longo do atendimento.

Chegou uma hora que tentávamos encaminhar a história para o final, mas com sua imaginação muito ativa e vontade de continuar a história, ela sempre trazia uma reviravolta na história, até decidimos desatolar o carro do pato, dando um final feliz na história, pois já havíamos passado do nosso horário com ela. Só não contávamos com Clara dando continuidade depois do desfecho. Ela quis levar cada animal para dar um passeio no carro do pato, já que todos eles toparam ajudá-lo com a condição de que eles pudessem passear no carro. Tentamos dizer que todos foram de uma única vez dá um voltinha de carro, para irem tomar um sorvete, entretanto, Clara tinha outros planos para resolver o problema: ela levaria grupos pequenos por vez, e com a espera grande dos outros animais para poder andar no carro. Alguns animais foram desistindo e indo para casa. Assim, para concluir as suas resoluções do problema ainda derivados do seu conto, ela guardou 2/3 dos objetos que estavam na mesa, mas mesmo assim percebemos que ela precisaria de mais tempo e já estávamos a quase 1h30 em atendimento. Então, em comum acordo, falamos com ela para que nossa história acabasse no próximo encontro. Combinamos que depois que nossa história chegassem ao fim, ela poderia nos contar a história original. Clara concordou e quase nos disse a parte final do livro com empolgação. Leu a parte final do livro, e ao ser perguntada sobre qual foi a versão que ela mais gostou, disse que foi a que criamos juntas e justificou que o pato da história do livro era muito ingrato e o pato da nossa história foi muito educado.

Elogiamos a sua organização e com isso, ela nos disse que gostava de tudo organizado, e que tem vários brinquedos que não brinca muito para não ficar bagunçado.

---

<sup>3</sup> Coisas que só aconteceram por conta da pandemia, onde nossas casas se transformaram e local de trabalho e de estudo, mas para os nossos pets a casa é só casa.

Ficamos refletindo muito sobre isso e indagamos entre nós e na supervisão: será que Clara se priva de brincar para não ficar bagunçado e não ter que arrumar depois? Pode até parecer excessos de suposições e fantasias de minha parte. Este foco nos objetos e na organização tem relação com a dificuldade dela, em abstração na matemática, pois resolver problemas dá trabalho, interpretar problemas também e não pode focar apenas no objeto concreto e sua organização, pois necessita da abstração, para além dos objetos.

Continuamos checar nossas hipóteses, observando nas outras atividades para saber se isso foi um evento isolado ou era um comportamento comum. Não queríamos precipitar nossas análises do diagnóstico, pois estávamos ainda no início e ela começava a se sentir à vontade e abrir espaço para podermos buscar respostas possíveis de serem respondidas, durante as brincadeiras e outras atividades que prosseguiriam.

Em conclusão, percebemos que foi um atendimento em que saímos cansadas, pois foi longo e ela trouxe muitas revelações como as que destaco: a dificuldade de contar uma história conhecida, a preocupação para que tudo saísse perfeito, a atenção a todos os detalhes, a imaginação que lhe possibilita ficar liberta quando a ajudamos a “voar”, a sua organização e essa “privação” de brincar para não ficar bagunçado e ter que organizar tudo novamente.

Comentamos na supervisão que não pensávamos que em uma atividade simples pudesse trazer à tona tantos aspectos sobre suas capacidades e possíveis dificuldades, mas saímos conscientes de que alguns pontos precisávamos conversar com Clara. Um deles seria sobre a duração da sessão e que a avisaríamos a ela quando faltasse 15 minutos para o encerramento, pois dependendo dela, ficaríamos 2 horas. Se não desse tempo para terminar uma história, continuaríamos no próximo atendimento, pois sabíamos que ela tinha outras atividades, após o atendimento psicopedagógico.

Nesta sessão concluímos o foco apenas no fortalecimento do vínculo com criações dos contos, mas muitas capacidades foram reveladas: conseguia se expressar através da contação de história, apresentava um estilo cognitivo socioafetivo subjetivo integrado a capacidade criativa, em que o contar e criar história é muito motivador e gera seu maior desenvolvimento, mesmo no nível dos conceitos a serem trabalhados. Em relação a atenção sustentada, conseguia se concentrar melhor por meio dos contos e de suas criações, mas necessita buscar os significados, ao projetar nas suas narrativas, por meio dos sentimentos e ações das personagens. Ela revelava portanto a estratégia que poderíamos usar de forma mais adequada e que se referia as mediações dos contos.

Então o trabalho com os conceitos matemáticos, que apresentava mais dificuldade poderia ser mediado por contos e suas recriações .

## O REINO DOS NÚMEROS

Podemos ter muita força de vontade e trabalhar duro, mas nossa saúde ficou muito vulnerável com ameaça invisível do vírus da COVID. Minha parceira de atendimento acabou sendo contaminada e precisou se ausentar.

Como o atendimento seria realizado apenas por mim, criei um outro recurso de contos associados ao número: “o **reino dos números**”. Nesse reino, criado em PowerPoint, a princesa nos chamou para ajudá-la a arrumar a bagunça que fez, ao brincar perto do caldeirão, deixando alguns números fugirem.

A história começa com a princesa informando que a Ana já começou a procurá-los, mas que deve ter se perdido, então nossa “missão” seria encontrar a Ana e os números que fugiram. Para envolvê-la, contei com a participação de minha família, que gravou as falas dos personagens, que apareceriam no decorrer da história, em o áudio era ouvido por todos e deu mais vida a história.

Clara poderia escolher o caminho que quisesse para descobrir pistas de onde Ana poderia ter passado. Para cada pista ser revelada, ela teria que realizar alguns cálculos, e ao perceber isso, Clara já foi pegando seu caderno de cálculos<sup>4</sup> para conseguir “montar” as contas e chegar ao resultado. A primeira tarefa era uma adição com números simples:  $25+14$ , e ela estruturou a conta, como aprendeu na escola e conseguiu chegar ao resultado.

No desenrolar da história, Clara precisou ajudar um porquinho a dividir 6 cestos com 3 cenouras cada, entre ele e seus dois irmãos. Essa conta ela estruturou da seguinte forma: 6 cestos dividido por 3 porquinhos. Foi percebido que Clara ainda não havia assimilado suficientemente ainda como proceder com os procedimentos da divisão. Releu o que deveria fazer e resolveu pegar a sua tabuada de divisão que utiliza na escola, após de um tempo conseguiu perceber que era só entregar um cesto para cada porquinho, o que fez em seu caderno e com isso chegou no resultado. O porquinho indicou que viu alguém na floresta, e lá decidimos descansar um pouco, afinal de contas, ela fez um grande esforço e descansar para continuar procurando a Ana e os números.

---

<sup>4</sup> Caderno que utiliza para realizar suas contas quando tem lição de casa ou está tentando resolver algum problema que não entendeu bem na escola.

Clara ficou tão empolgada com a possibilidade de ajudar a princesa que disse que adorava realizar contas, e que seria muito fácil encontrar todos. Demonstrava que já acreditava em si mesmo nas realizações destas operações matemáticas, por meio do conto, utilizando estratégias diferentes para conseguir chegar ao mesmo resultado. Para mim, o brilho em sua face foi gratificante demais.

A continuação da história aconteceu uma semana depois, com minha parceira um pouco melhor, por isso combinamos, para manter a continuidade da história, iniciada na sessão anterior, que o início do atendimento Ana ainda não estaria presente, para que Clara pudesse continuar a história, encontrando a próxima pista, e assim Ana apareceu. Ana foi se inserindo progressivamente na dinâmica do conto, que apresenta pista para achá-la, e que será mais detalhado a seguir.

Clara estava muito empolgada para continuar a história buscando as pistas para encontrar a Ana e os números. Então a próxima pista estava atrás da princesa, e era o número 7 com um pedaço de papel escrito preso a ela. Era um bilhete de Ana, avisando que ela havia se perdido e estaria na beira do lago, aguardando ajuda.

Ao nos encaminharmos para o lago, um jacaré apareceu pedindo ajuda, pois ele queria tocar em uma banda dos humanos. Para isso acontecer, ele teria que ter a mesma quantidade de dedos que um humano tem, porém ele não sabia quantos dedos tínhamos e nem quantos faltavam para ele poder tocar. Clara logo se prontificou a ajudá-lo. Na imagem do jacaré, dava para ver que ele tinha 4 dedos, e assim, rapidamente ela olhou para os seus próprios dedos e notou que  $4+4=8$  e que faltavam 2 dedos para completar os 10 necessários para ela resolver o problema e assim o animal poderia entrar na banda dos humanos. A história continuou com o jacaré agradecendo. Continuamos nossa caminhada, chegando até o lago chegando no lago e encontrando a Ana.

Na história, deixamos um espaço para que Clara pudesse contar o que fizemos para conseguir chegar ali e encontrar a Ana. Ela conseguiu lembrar que uma princesa nos trouxe para o reino dos números e contou quantos personagens conseguimos ajudar, e os números que achamos. Ana mostrou os números que ela havia encontrado (4, 50, 10, 35, 41, 89, 39, 7, 5, 2018, 2, 232). Então todas nós voltamos ao castelo da princesa e Clara organizou estes números, primeiramente em ordem crescente, anotando-os em seu caderno. Após esta seriação dos números, a princesa pediu para que Clara colocasse cada um dos números em seus respectivos frascos, em que seriam agrupados os ímpares e pares.

Durante estas atividades, foi significativo observar que Clara não estava atenta ao último dígito do número, o que seria mais simples. Ela buscou fazer a conta de divisão, porém ficou perdida no meio do cálculo. Foi atrás de suas tabuadas (multiplicação e divisão). Procuramos facilitar com uma intervenção sobre recursos possíveis para utilizar e a partir da nossa mediação, ela entendeu que não precisava complicar tanto. Era mais facilitador resolver o problema olhando o último dígito dos números pares e ímpares e assim conseguiria agrupá-los nos vidros, possibilitando assim compreender a classificação dos ímpares e dos pares.

Continuando a história, a princesa agradeceu e perguntou se um dia ela precisasse de ajuda, ela poderia contar conosco. Clara prontamente afirmou que poderia ajudar a princesa e comentou que ela amou conhecer o reino dos números.

Durante o desenvolvimento deste conto, associado aos conceitos matemáticos, ficou claro para nós que quando Clara tenta seguir os modelos convencionais de resolver um problema matemático, acaba ficando um pouco confusa porque ainda não domina essas estratégias do cálculo, mas o mais significativo no nível dos sentimentos, foi que ela se permitiu errar, tentando outros recursos para resolver o problema, ao invés de fugir do problema.

Nestas atividades por meio do conto interativo, Clara trouxe para o contexto de intervenção psicopedagógica alguns conceitos de matemáticas desenvolvidos na sala de aula, aproximando suas dificuldades e conquistas na aprendizagem dos conceitos e operações matemáticas. Consideramos este tipo de intervenção que desenvolvemos como muito satisfatórias para Clara superar suas dificuldades, integrando a atitude de poder errar sem desistir com as elaborações conceituais da matemática. Embora as situações matemáticas não estejam no nível de um estudante do quarto ano, sabemos que é importante que o psicopedagogo inicie dos conceitos mais básicos para alcançar outros mais complexos. Iniciamos assim o percurso para o desenvolvimento dos problemas matemáticos, que Clara apresenta algumas dificuldades, no nível do quarto ano

Apesar da eficiência das mediações dos contos, demonstrando nestas atividades relatadas, era necessária utilizar outros recursos perceptivos que facilitam o trabalho com as relações lógicas entre as formas, com o que o jogo LEGO apresenta. Partimos então para utilização destes outros recursos

## BRINCANDO COM LEGO

A maioria das crianças gostam de brincar de empilhar e montar coisas, e atualmente temos o famoso lego<sup>5</sup>. Clara também gosta de brincar com lego e ela tem em casa. Pedimos para ela separar 32 peças de lego para utilizarmos nessa atendimento, e assim ela o fez.

Após conversar um pouco sobre esse brinquedo, mudamos para o slide da primeira situação-problema, com as seguintes mediações terapêuticas psicopedagógicas::

- As peças de lego foram inventadas por um carpinteiro. Ele tinha 4 filhos que queriam brincar com as 32 peças que ficaram prontas. As crianças pegaram a mesma quantidade de peças. Quantas peças cada criança pegou?

Novamente ela pegou seu caderno e suas tabuadas, entretanto dessa vez ficou muito nítido a sua dificuldade na interpretação da situação-problema, ela tenta adivinhar a conta ao invés de ler a situação com calma e entender o problema. Pedimos para ela ler parte por parte, e com essa leitura ela eliminou a adição e a subtração. Clara tentou realizar a multiplicação, percebeu que o resultado era muito grande e que talvez essa não fosse a resposta. Pedimos a Clara que imaginasse a situação-problema conforme liamos, e para assim ela conseguiu identificar que precisava dividir as peças entre os irmãos, utilizando as mãos, após entender, ela deu outra forma de chegar a esse resultado, mostrando a conta em seu caderno, confirmando que é possível utilizar diversas estratégias para chegar à resposta.

Depois foi apresentado outra situação-problema, só que dessa vez, a resposta era de múltipla escolha e apresentamos a seguinte mediação terapêutica:

- Se o carpinteiro fez 29 peças de lego pela manhã e depois do almoço fez 27 peças de lego e guardou todas no balde. Quantas peças ele guardou no balde?

a)  $29 - 27 = 2$

b)  $29 - 2 = 27$

c)  $29 + 27 = 56$

Essa questão ela começou com a eliminação da letra “b”, pois não era provável. Ao reler a questão com um pouco mais de atenção, percebeu que não poderia se a letra “a”, e para ter certeza de que era a letra “c”, fez a conta em seu caderno e confirmou a sua

---

<sup>5</sup> Pequenas peças de plástico que se encaixam umas nas outras para fazer vários tipos de construções diferentes, utilizando a imaginação e criatividade..

hipótese. Clara está se permitindo pensar sobre o que lê, levantando hipóteses e as confirmando ou não, por meio da imaginação de cada situação-problema que lê.

Depois o desafio era ela montar alguma coisa com as peças de lego que ela separou, e ao montar uma pequena cozinha, ela perguntou se ainda dava tempo para ela ler o seu livro preferido, e dissemos que tínhamos tempo sim. Ao terminar sua cozinha, pegou o livro “O rato e o gato fizeram um trato” e começou a ler para nós, nós mostrando as imagens após a leitura de cada página. Sua leitura é boa e fluente, mas teve dificuldade em contar a história com suas próprias palavras, ainda não se sente segura para isso.

## **MATERIAL DOURADO COMO ALIADO**

As atividades foram realizadas em dois atendimentos diferentes.

A primeira proposta a ser realizada foi o *resta zero*, um recurso que pode ser utilizado em sala de aula, na introdução da subtração e também podemos utilizar nos atendimentos psicopedagógicos.

Clara também tem o material dourado<sup>6</sup> em casa, cabe ressaltar que é uma criança muito bem assistida por sua família. Antes de começarmos, ela compartilhou conosco que iria ter uma apresentação na escola e ela queria poder ensaiar a música que iria dançar conosco na parte final do atendimento, e consentimos esse espaço para ela poder ensaiar, é importante que ela se sinta acolhida e segura nesse espaço, e que leve essa segurança para além dos nossos encontros.

Explicamos que nessa atividade todas começaríamos com a placa, e conforme os dados são jogados, teríamos que tirar a quantidade que o dado caiu, trocando a placa por barras, até terminarmos com todo o material dourado em nossas mãos. Dito isso, o objetivo é terminar com nenhum material dourado em sua posse.

Decidimos começar com uma de nós, para ela ver como as trocas aconteceriam, e foi uma boa decisão, pois ela entendeu e conseguiu realizar sem ajuda as suas próprias trocas. Vimos que na questão da subtração ela não apresenta nenhuma dificuldade, inclusive nos ajudou a realizarmos as nossas trocas.

Na proposta do *nunca 10*, o objetivo era a adição com trocas também, pois ela nunca poderia ficar com 10 cubos nas mãos, teria que trocar por barras até chegar na placa, ganhando o jogo. Não demonstrou nenhuma insegurança em suas trocas e ficou

---

<sup>6</sup> A placa vale 1 centena, a barra vale 1 dezena e o cubo vale 1 unidade.

muito atenta com as nossas trocas também, fazendo estimativas de qual seria o melhor número a sair no dado para que ela pudesse ter uma vantagem no jogo. Eliminamos a adição e a subtração de suas dificuldades, o seu “nó” estaria mais relacionado a divisão, o que é esperado, pois o conceito de divisão é um pouco mais trabalhoso de ser internalizado, e devemos levar em consideração que aprender divisão com aulas on-line não é uma tarefa fácil, sinceramente até no presencial é uma tarefa que exige mais do professor e dos estudantes.

## **CARA A CARA**

Para a realização dessa proposta, precisamos entrar em contato com a mãe de Clara, antecipadamente, para saber se haveria possibilidade dela imprimir a cartela com as personagens do jogo, e recebemos seu apoio, pois a família tinham impressora em casa.

O objetivo é realizar as perguntas de modo a descobrir qual é a personagem que o adversário escolheu antes que ele descubra qual foi a sua personagem escolhida.

No nosso atendimento, fomos recebidas com muita empolgação, a menina já estava com a folha na mão e ainda não havia jogado o “cara a cara”. Pedimos para recortar as trinta personagens e organizá-las na mesa, enquanto fazíamos o mesmo.

Explicamos como se joga e ela escolheu jogar com a Ana primeiro. Ambas me mostraram qual personagem escolheram e o jogo começou. Primeiramente suas perguntas eram se usava óculos ou se tinha cabelo comprido, o que não a ajudou a eliminar os personagens improváveis, e perguntávamos se aquela pergunta tinha sido boa e ela identificava que não, pois eliminou poucas personagens. Começou a prestar atenção nos tipos de perguntas que a Ana fazia, porque ela eliminava bastante personagens e começou a utilizar a estratégia da Ana e começou a pensar mais na pergunta que iria fazer. Começou perguntando se o gênero era feminino, do qual era e assim eliminou todas as personagens masculinas e, conseguiu elaborar tão bem suas perguntas que descobriu primeiro a personagem que a Ana havia escolhido.

Depois quis jogar comigo e novamente fez excelentes perguntas e descobriu a minha personagem escolhida também. Preciso apenas de um estímulo para conseguir realizar boas perguntas, e criou estratégias que a ajudaram a se organizar mentalmente e mostrou segurança, tanto ao escolher suas perguntas quanto ao mostrar a que conclusão chegou com a personagem que ficou na mesa no final do jogo.

Ela disse que iria guardar as personagens para poder jogar com sua prima, quando ela viesse lhe visitar.

Clara é muito organizada e acredito mesmo que ela guardará para poder jogar depois com outra pessoa.

## **FAMÍLIA GONGORZOLA**

O livro da Eva Furnari, o “OS PROBLEMAS DA FAMÍLIA GORGONZOLA”, traz que todos temos alguns problemas, e a família Gorgonzola também tem os seus, só que essa família é um pouco diferente das famílias que conhecemos.

O objetivo de trazermos alguns casos desse livro é ver como ela lida com algumas situações-problemas, após vários atendimentos e intervenções.

O primeiro caso é a apresentação da família com um problema de peso, pois o patriarca comprou um barco e não reparou que havia um limite de peso para poder navegar. Ela teria que descobrir se o barco afundaria ou não se todos os integrantes da família embarcassem.

Novamente ela utilizou seu caderno de cálculos e descobriu que o barco afundaria, e foi além, realizou vários cálculos, levantando possibilidades de revezamento para que todos pudessem passear sem afundar o barco. Ela levou pouco tempo para chegar a todas essas conclusões. Vale ressaltar que em todas as possibilidades, o cachorro da família estava no barco e era o salvador da família, caso o barco afundasse, segundo a imaginação de Clara.

O segundo caso apresentado foi o comportamento do filho mais velho da família, que foi enviado pelo correio para o curso de bons modos, mas que por um equívoco da matriarca ao escrever o endereço na caixa, acabou enviando o filho para o jardim de infância. O menino deixou vinte e sete pulgas esfomeadas saírem da caixa e elas já saíram mordendo. O desafio de Clara era descobrir quantas mordidas foram dadas ao todo, levando em consideração que cada pulga deu duas mordidas. Ela utilizou a multiplicação que aprendeu na escola e conseguiu chegar ao resultado facilmente também. Perguntamos o que ela faria se fosse a professora dele, e rapidamente disse que o mandaria para a sala da diretora, porque não pode ser bagunceiro assim não. A forma que ela fala é engraçada, muito expressiva e com diferentes entonações de voz. Multiplicação simples ela também domina.

O terceiro caso é do filho de meio, que cria cinco bichos estranhos debaixo da cama. Cada bichinho come 3 bolachas por dia. O desafio dela é descobrir se um pacote com dezesseis bolachas seria suficiente para alimentá-los por um dia. Pensou um tempo concluiu que daria sim, pois 3 vezes 5 é 15 e o pacote tem uma bolacha a mais. Fez esse cálculo de cabeça, o que nos mostrou que ela está mais confiante e que o trabalho que estamos realizando, juntamente com a escola e a família vem dando resultados positivos. A perguntarmos quais nomes ela daria para eles, os batizou de Zizi, Zum, Zapi, Zefi e Zumpi.

O quarto e último caso foi o da filha mais nova, do qual ela simpatizou, que tinha 10 gatos, entretanto, o irmão do meio acusou os gatos de comerem as bolachas dos bichos que moram debaixo de sua cama. E para provar que estava certo, pintou todas as patas dos gatos da irmã, porém no dia seguinte havia nenhuma marca em seu quarto, inconformado, ele foi dar uma olhada nos gatos e viu que todos eles estavam usando sapatinhos de bonecas. O desafio era descobrir quantos sapatinhos a irmã usou para calçar seus gatos.

Dessa vez ela não utilizou a multiplicação, foi somando de 4 em quatro até somar os 10 gatos. Levou mais tempo para resolver essa situação-problema e quase se perdeu em meio a tantos números. Indagamos se haveria outra forma de chegar a esse resultado, ela pensou e pensou, e depois de algum tempo olhando o material que havia trazido, viu que se tivesse utilizado a tabuada do quatro, teria sido mais fácil.

Ela foi muito bem, comparando com o que ela conseguia realizar no início do ano. Está prestando mais atenção na interpretação da questão no que descobrir que tipo de conta precisa realizar.

## **A ESCOLA NOS ATENDIMENTOS**

Durante nossos atendimentos, Clara foi trazendo mais elementos da escola. No início foi tímido, tínhamos que perguntar sobre a escola, mas com o passar do tempo e com a volta para o presencial, **na sala de aula**, começou a mostrar seu material, suas estratégias utilizadas na escola, até ensaiamos com ela a apresentação de dança que ela faria na escola. Trouxe situações dos seus colegas de sala, de quem ela sentia falta e seu sorriso estava mais alegre.

Após as férias do meio do ano, teve mudança de professora, e ela gostou muito dessa atual professora, pois utilizava tecnologia e também utilizava a plataforma Matific<sup>7</sup>, que Clara nos mostrou. Ela revelava estar feliz em conseguir cumprir os desafios que a professora colocou dentro dessa plataforma.

A cada atendimento, Clara trazia mais novidades, como um trabalho que estava realizando, um jeito novo de realizar uma conta, um material novo.

Tivemos encontros com a orientadora pedagógica da escola ao longo do ano, em que foram constatadas as melhorias progressivas do processo de aprender da Clara. Por isso não havia ficado de recuperação em nenhum componente curricular e suas notas estavam ótimas. A orientadora nos informou que a atual professora fez um curso especificamente para trabalhar com a plataforma Matific, e isso auxiliou muito os estudantes da turma.

Transmitimos ao orientador e coordenador da escola, nas devolutivas finais as conquistas da Clara, durante o processo psicopedagógico clínica, realizado no espaço da referida escola com fronteiras bem demarcadas como psicopedagogia clínica. No contato com o orientador, constatamos que ela tinha progredido e que, portanto, havia transferido suas conquistas na situação clínica psicopedagógica para a aprendizagem em sala de aula. Os relatórios pedagógico finais, revelaram o seu bom desempenho de aprendizagem, apesar de demonstrar ainda um pouco insegura com autocobranças sobre suas realizações.

Concluimos em supervisão e junto aos profissionais da escola que seria necessário estarem atentos a outros fatores psíquicos e que se relacionam aos aspectos ainda associados a dinâmica relacional afetiva, que necessita também da orientação aos pais. Do ponto de vista psicopedagógico, a alta se justificou devido as conquistas de aprendizagem, diante das queixas de aprendizagem apresentadas pela escola e que é o foco do trabalho psicopedagógico.

Concluo, segundo a experiência vivida das psicopedagogia clinica escolar, que estas atividades psicopedagógicas com enfoque clínico realmente surtiram efeitos, mesmo no espaço escolar, desde que seja respeitado no próprio espaço os limite ou fronteiras do trabalho clinico psicopedagógico, pois clinico não se refere apenas ao consultório na área de saúde, e sim ao olhar integrado e complexo das relações afetivas e cognitivas,

---

<sup>7</sup> Plataforma voltada para ensino de matemática, tendo desafios em diversos níveis diferentes, do básico ao avançado.

respeitando a criança em seu potencial, suas particularidades que se revelam nos diferentes estilos cognitivo sócio afetivos, nas situações de aprendizagem.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esses dois últimos anos, sentimos de diferentes formas os efeitos da pandemia.

Como professora de escola pública, a volta do ensino presencial foi de extrema importância para que as crianças reaprendessem a socializar, reconhecessem os sentimentos e que conseguissem externalizar de diferentes maneiras (verbal e através de desenhos).

O retorno ao ambiente escolar proporcionou que as crianças pudessem interagir e aprender também com outros colegas com idades aproximadas. O professor precisou lidar com seus próprios sentimentos, trabalhar a própria ansiedade e receios, superar os próprios limites para poder dar o suporte para seus alunos.

Hoje, olhando para cada dificuldade vivida no período de isolamento social e retorno das atividades no presencial, ficou muito claro o quanto importante é o atendimento psicopedagógico e, honestamente, hoje está sendo mais importante do que nunca.

As crianças sofreram muito durante nesse período e suas aprendizagens ficaram prejudicadas. Algumas sentem dificuldade de verbalizar, compreender, de socializar e de se organizar, entre outras. Necessitam de um olhar mais atento as individualidades e habilidades socioemocionais, que influenciam direta ou indiretamente em suas aprendizagens na escola.

Pensando nisso, observo que as crianças que puderam ter um acompanhamento psicopedagógico, assim como Clara, puderam contar com um espaço onde eram ouvidas, compreendidas, seus potenciais e autoconfiança puderam ser trabalhados.

O espaço criativo para a comunicação do “eu e o outro”, paciente e cliente sempre é necessário para o desenvolvimento da autonomia e a consciência do “eu sou” do “eu posso”, tanto do terapeuta como do paciente, seja criança, adolescente ou adulto.

Clara me inspirou a criar e o espaço permitido a minha criatividade, foi fundamental para a intervenção psicopedagógica clínica escolar a distância.

É notável como o semblante de Clara se iluminou com o retorno presencial escolar, a cada atendimento ela nos falava da escola, do que estava aprendendo, das dificuldades que estava tendo e nos pedia ajuda para conseguir compreender. Nos relatava os acontecimentos com seus colegas e foi muito bonito esse momento, pois ela demonstra ser muito carinhosa com seus colegas, inclusive demonstra ter muita empatia por eles,

pois no meio do relato das dificuldades dos colegas, Clara conta como tentou ajuda-los porque ela conseguiu compreender o que o colega não conseguiu. O mais interessante é que Clara deseja ajudar seus colegas justamente nas atividades de matemática, em situações-problemas, que era justamente um dos motivos para ela ter o acompanhamento psicopedagógico.

Os benefícios, mesmo não atendendo de forma presencial e não podendo observar a interação de Clara com outras crianças, foram notáveis. Um vínculo forte e saudável foi conquistado, as atividades propostas de forma adaptadas foram bem aceitas por ela, que se divertiu enquanto nos mostrava suas dificuldades, suas potencialidades e sua autoria.

Contudo, senti falta de conhecer o espaço dentro da escola, de não ter nenhum contato com os professores. Tivemos apenas encontros virtuais com a orientadora pedagógica da escola, que fazia a “ponte” entre a professora de classe e nós, com base nos relatórios e conversas entre de ambas as profissionais.

Seria uma experiência diferente atender presencialmente, com um espaço neutro e outras propostas de atendimentos, onde poderíamos observar outros gestos singelos que não é totalmente percebido pela tela do computador durante o atendimento. Também não tivemos a oportunidade de conseguir observar a pressão do lápis ao desenhar e ao escrever, a forma como colore o desenho no papel e nem o lado que ela começa a traçar seus desenhos. Não pudemos exercitar o diagnóstico total do desenho da criança, como aprendemos nas aulas de Diagnósticos, mas fizemos o possível com as condições que tínhamos remotamente.

Creio que ninguém pudesse imaginar que um dia fosse possível fazer esse trabalho, que também é tão lindo, de forma remota.

O contato com a família, principalmente com a mãe foi mais trabalhado pela dupla anterior. Conosco o contato foi menor, pois nossas colegas realizaram um excelente trabalho com essa mãe, dando confiança para que ela, que era uma muita protetora, permitisse que a filha tivesse suas próprias experiências e abrindo um espaço para a sua filha aprender a lidar com frustrações e construir sua autonomia.

A mãe tinha consciência da passagem de vínculo, mas neste momentos os cuidados maternos pareciam estar muito presentes. Queria observar o bem-estar de Clara nessa passagem de vínculo e no desenvolvimento inicial do nosso trabalho. A mãe sempre se mostrou muito tranquila e confiante quanto ao nosso trabalho e essa família também

mudou a forma de se relacionarem com a filha, a mãe adquiriu mais consciência de sua superproteção e permitiu Clara explorar suas potencialidades.

Na devolutiva para a família, a mãe nos agradeceu pelo trabalho e por sermos sempre tão carinhosas com sua menina, nos informando que ela se divertiu muito a cada sessão e reconheceu que sua filha melhorou muito em relação as dificuldades que tinha. Como devolutiva, Clara precisaria desse apoio para continuar acreditando em si mesma e tomar posse de suas potencialidades. Esse apoio seria fundamental, pois no próximo ano mudaria de escola, com novos professores, colegas e novas regras.

Já em nossa última conversa com a orientadora da escola, que aconteceu antes da última conversa com a mãe, a devolutiva pedagógica apresentou foi o bom desempenho escolar de Clara, com notas altas.

Na universidade, em todas as conversas que tivemos ao longo do curso, como um todo, exercitei muito o poder da escuta e da observação, pois muito dos meus colegas e todos os mestres e doutores que foram meus professores, supervisora e orientadora, que tive o prazer de conhecer, trouxeram um conhecimento e uma vivência que ainda não possuía, foi muito prazeroso aprender com todos.

Aprendi a olhar por um novo ângulo e me vi mais realizada, pois o suporte que gostaria de dar aos meus alunos na escola, quando percebo uma dificuldade ou alguma questão que precisaria de mais atenção, posso dar exercendo a psicopedagogia, profissão que abre um espaço confiável para o cliente poder ser valorizado e conseguiu seguir seu caminho de aprendizagem com mais qualidade.

A psicopedagogia é uma área totalmente diferente do que imaginei e tão intrigante e estimulante como pudesse pensar. Entrei para essa especialização acreditando que os psicopedagogos realizavam atividades escolares, de forma individual e queria saber que atividades eram essas para me auxiliar em sala também. Não imaginava que era tão mais complexa e tão compromissada, de forma diferente do professor. Sempre ouvi que todo professor fazia o curso de psicopedagogia apenas pelo status e que era fácil, e melhorava o salário na escola.

De fato acreditei nisso, pois o número de professores que tem esse título é grande, mas como estavam errados em dizer que era fácil. Não sou uma pessoa que se preocupa com status, pois meu foco sempre foi fazer o melhor possível para fazer bem o meu papel, garantir a educação básica de forma integral às crianças que cruzam o meu

caminho, seja na escola, em ONG<sup>8</sup>, na família e agora nos atendimentos psicopedagógicos, onde for possível.

Aprendi que desde cedo podemos esconder nossos medos, disfarçar nossas dificuldades, fingir que está tudo bem, quando na verdade não está nada bem e poder dar um suporte para outras crianças que também sofrem e não são ouvidas, não são compreendidas, são apenas rotuladas, é o motivo para nos aperfeiçoarmos profissionalmente para ajuda-las.

Poder garantir que, em pelo menos algum momento da semana, essa criança vai poder se sentir à vontade e confiar em você e que essa confiança mostrará o caminho para que ela comece a acreditar que é capaz de aprender, que é capaz de falar e ser ouvida sem julgamentos, brincar e se libertar é algo que não tem preço.

Poder ver o brilho nos olhos de uma criança ao ver que ela já é capaz de realizar sozinha algo que não conseguia ou tinha muita dificuldade é muito recompensador.

Como ser humano, renovou minhas esperanças, pois sei que, assim como eu, que só quer ver o bem e que cada criança tenha uma oportunidade de crescer da melhor forma possível, existem outras pessoas que procuraram o curso para dar uma chance a cada criança que sofre, conseguir transcender as barreiras que as limitam e conquistarem o poder de acreditarem em si mesmas, que são capazes, que são importantes.

Dito isso, acredito que seria muito benéfico se fosse possível que todas as crianças pudessem ter esse espaço conosco, psicopedagogos, ao menos uma vez na vida, principalmente nesse “pós-pandemia”, onde uma boa parte dessas crianças tiveram experiências que afetaram diretamente o comportamento em grupo e na sua aprendizagem. Nunca houve tantos conflitos na escola, pois as crianças estão tendo muito mais dificuldade de se expressar de forma saudável e não violenta (física e verbal), e que consideramos como , que é reflexo dos tempos difíceis que a pandemia causou.

Espero poder realizar esse trabalho tão importante futuramente, só que de forma presencial na escola, podendo juntar o que aprendi em aula com os mestres e com o que vivenciei nos atendimentos psicopedagógicos clínico escolar de com o atendimento de forma remota. As duas formas, presencial e remota poderiam, algumas vezes se complementar considerando as dificuldades devido a distâncias espaciais, mas sem perder o contato presencial relevante e necessário.

---

<sup>8</sup> Organização não governamental

Pensando nesse relato de experiência, lembrei de Safra (2006), que disse “narrar é apresentar uma experiência própria” e de fato assim o é. Ninguém pode narrar a minha experiência, pois não a olhou pelos meus olhos e nem a sentiu como eu, por isso somos seres tão únicos, tão simples e tão complexos ao mesmo tempo.

Essa experiência levarei comigo para o resto da vida, pois houve mudanças em mim. Entrei como uma professora que queria ajudar meus alunos e saí com um olhar que desconhecia, o olhar psicopedagógico.

## REFERÊNCIAL BIBLIOGRÁFICO

BOSSA, Nadia A. **A PSICOPEDAGOGIA NO BRASIL:** Contribuições a partir da prática. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000

EVANS, Débora. **ESTILOS COGNITIVO-AFETIVOS E CONTRUÇÃO DA LINGUAGEM ATRAVÉS DAS NARRATIVAS.** *Constr. psicopedag.*, São Paulo , v. 21, n.22, p.67-85, 2013. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-69542013000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542013000100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso: 15 mai. 2022.

FAGALI, Eloisa Quadros. **DESENVOLVIMENTO INFANTIL FACILITAÇÃO DO MEIO (HOLDING):** violências, resiliência e estilos cognitivo-afetivos. *Rev. psicopedag.*, São Paulo , v. 26, n. 80, p. 175-187, 2009 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862009000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862009000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso: 15 mai. 2022.

\_\_\_\_\_. **CADERNO DE INTEGRAÇÃO-INTERAÇÃO:** Diagnóstico e Intervenções Psicopedagógicas. São Paulo, 2010.

FERNANDES, Anete. **AValiação Psicopedagógica:** história de um percurso. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013

LIMA, Vanessa Aparecida Alves de. **DE PIAGET A GILLIGAN:** Retrospectiva do desenvolvimento moral em psicologia, um caminho para o estudo das virtudes. *Revista Psicologia Ciência e profissão*, 2014. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/Nr5XvZvqVpNRgyQQ9Fq3hpc/?format=pdf&lang=pt>> Acesso: 14 mai. 2022

MATOS, Talliandre. **NARRAÇÃO.** Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/redacao/narracao.htm>> Acesso: 07 abr. 2022

Minidicionário Houaiss da língua portuguesa/ [Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar; elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa]. 4ª ed. Ver. E aumentada. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SOBRINHO, Patrícia Jerônimo. **PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL** [recurso eletrônico] / Cengage Learning. – São Paulo, SP : Cengage Learning, 2016. 2500 Kb : il. ; PDF. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788522123476/pageid/9>> Acesso em 12 abr. 2022

SAFRA, Gilberto. **CURANDO COM HISTÓRIAS**: a inclusão dos pais na consulta terapêutica das crianças. São Paulo: Sobornost, 2005.

\_\_\_\_\_. **DESVELANDO A MEMÓRIA DO HUMANO**: o brincar, o narrar, o corpo, o sagrado, o silêncio. São Paulo: Sobornost, 2006.

TYSON, Neil deGrasse; GOLDSMITH, Donald. **ORIGENS**: catorze bilhões de evolução cósmica. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Planeta do Brasil, 2015